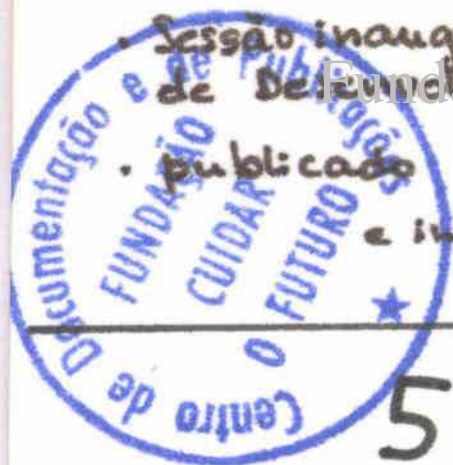


Desafios e paradoxos de uma estratégia internacional para o desenvolvimento

- discurso
- sessão inaugural do 1º Colóquio Luso-Brasileiro de Desenvolvimento Integrado, em Lisboa
- publicado in "Igreja-em-Drálogo"
e in "Huda-a-Vida" n° 23, jan. 1980

5 Agosto 1972



MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRO-MINISTRO

Fundação Cuidar o Futuro

Discurso proferido pela Eng^a. Maria de Lourdes Pintassilgo na

Sessão Inaugural do 1^o. Colóquio Luso-Brasileiro de Desenvolvimento

Integrado, realizada a 5 de Agosto de 1972

I - O desenvolvimento, problema de toda a humanidade

1. A situação do desenvolvimento no início da década de 70

Chegámos cansados, irritados e preocupados ao início da década de 70.

Barbara Ward escrevia "the angry seventies" - "a Zanga dos anos 70"...

Por isso, quando na Assembleia Geral das Nações Unidas em Outubro de 74, se discutiu o volume relatório sobre a situação social no mundo, não podia já haver dúvidas sobre a gravidade e a urgência da tarefa diante dos povos e seus governos.

O desenvolvimento deixara de ser o processo necessário a um punhado de países ou o problema localizado numa área, ainda que extensa do globo, para se impor como uma responsabilidade conjunta de toda a humanidade. Para além das fronteiras e das raças, para além dos conflitos abertos ou latentes, é a humanidade inteira que tem de fazer face à sua própria evolução, aos bens e técnicas que criou, à utilização que deles fez ou pode fazer, aos valores que podem determinar escolhas, decisões, programas.

O fosso entre ricos e pobres acentua-se tanto entre nações como no seio de cada nação.

O dramático contraste entre o tédio por excesso de estímulos e consumos e a apatia por ausência de um mínimo de proteínas tornara mais realista a avaliação das condições em que o desenvolvimento evolui.



luiu na última década. Desse gigantesco relatório ficaram grandes pinçeladas impressionistas a colorir o mapa do mundo - e queria que as minhas palavras tivessem cor para as reproduzir aqui...

... Um crescimento constante da população mundial que, a manter-se a taxa de 2% com que evoluiu em cada ano da década de 60 levará ao dobro da população actual no ano 2004 ... (cerca de 1.760 novas cidades do tamanho de Marselha). Uma população irregularmente distribuída mas vinculada ao seu solo por culturas milenárias - concentrada e compacta nos países não desérticos da Ásia, esparsa nas grandes extensões da Argentina ou do Brasil... Uma população com um peso de grupos etários muito diversos - enquanto 42% da população dos países pobres ainda não tem 15 anos, cerca de 15% da população dos países altamente industrializados da Europa, tem mais de 60 anos...

... Sub-emprego e desemprego em vastas zonas do mundo - decorrendo do aumento da mão-de-obra disponível, da urbanização não controlada e especuladora da incapacidade de se promover um desenvolvimento rural adequado, da ausência da chamada "tecnologia intermediária" que não descurando a rentabilidade global da unidade fabril, ocupe o maior número possível de trabalhadores...

... Dificuldades da cobertura sanitária adequada que exigiria acções governamentais decisivas desde as que permitiriam levar água aos 90% da população rural dos países pobres que dela necessitam até aos mais complexos serviços que permitam controlar as causas e os efeitos da poluição, prevenir os acidentes, reduzir os circuitos de produção e consumo da droga...

... Condições básicas de alimentação e alojamento ainda por satisfazer, apesar dos esforços da "revolução verde" ... fome e secas em zonas que têm para nós fisionomia humana, fome dos Nordeste dos nossos dois países, que fazem escoar o nordestino brasileiro para a costa e o nordestino português para a França...

... 50% da Juventude sem escola em mais de 60 países... Analfabetismo da população adulta que, se é certo que tem sido atacada



por métodos inovadores, pela alfabetização funcional ou pela alfabetização pela acção cultural de Paulo Freire, não deixa de ter a fisionomia de 790 milhões de pessoas no mundo ...

É a acrescentar a isso a interrogação sobre o carácter obsoleto da própria escola - a tendência universal para rejeitar o sistema escolar por inapetência atávica ou por saturação... É a incapacidade manifesta de se encontrar a matriz do sistema de uma educação nova para uma geração radicalmente nova...

... A outro nível situa-se a chamada "crise do planeamento", traduzida na incapacidade de se encontrar uma integração mais completa do económico e do social; na dificuldade com que se debate o planeamento, fora dos regimes totalitários, em tomar uma prioridade clara na acção política e governativa, na paralisia que caracteriza as suas metas de execução...

... Carecem ainda de adequada tradução operacional as políticas capazes de realizar uma efectiva redistribuição do rendimento, de aumentar as condições para a igualdade de oportunidades de todos, de construir novos sistemas fiscais e, em particular, os impostos directos que permitam alterar os padrões de consumo em favor dos segmentos mais pobres da população... de estabelecer novas medidas de segurança social que na última década só tiveram progresso extensivo a toda a população nos países ricos, cobrando apenas 20% da massa trabalhadora dos países pobres, de "absorver" sem os reprimir e reforçar os movimentos de protesto e conflito que se manifestaram nos grupos populacionais pertencentes à sociedade de consumo ou nos grupos que adquiriram uma consciência de "classe" em oposição a outras "classes" favorecidas e detentoras do poder...

É neste contexto de problemas que dizem respeito a todos os homens, porque nascem da independência dos povos, que toma sentido e ganha urgência a movimentação das instituições e das vontades para fazer face a esta etapa da vida da humanidade.

Uma primeira aproximação encontra-se na Estratégia Inter



nal para o Desenvolvimento das Nações Unidas a que me vou referir muito brevemente para indicar os passos positivos e as lacunas que manifesta.

2. Aspectos positivos e negativos da Estratégia Internacional do Desenvolvimento

A Estratégia, votada na Assembleia de 1970, exprime um nítido progresso em relação à década anterior.

Em primeiro lugar, acentua o aspecto social do desenvolvimento. Embora se incluam objectivos claramente económicos (com taxas de crescimento do PNB superiores às que tinham sido indicadas para a primeira década do desenvolvimento) encontram-se esses objectivos subordinados à perspectiva social de toda a Estratégia e completados por objectivos claramente sociais.

Não fica porém a Estratégia num enunciado de sectores sociais parcelares ainda que constitua parte importante do seu programa. Aponta para um conceito inter-sectorial da organização da sociedade e da existência humana ao referir-se, um pouco tímidamente é certo, às indispensáveis transformações qualitativas.

O seu significado para a paz internacional não deixa de ser importante. Não só as medidas que recomenda poderão levar a resolver as necessidades elementares dos países pobres e a constituir elos de solidariedade entre pobres e ricos mas constitui já uma plataforma de acordo e de convergência do fórum internacional sobre os grandes objectivos humanos a atingir através e apesar dos diferentes regimes políticos.

Mas a Estratégia apresenta algumas dificuldades sérias. Abstraindo das que são especificamente técnicas, importa notar que, embora se refira às transformações qualitativas não conseguiu exprimir com suficiente autonomia e nitidez a necessidade da criação de comunidades e estruturas em que se afirme e concretize a plena participação de todos os homens no desenvolvimento.



Tão pouco está isenta de um certo vício de "paternalismo" que marca quase inconscientemente os esforços internacionais para o desenvolvimento - paternalismo dos mais ricos e mais "sabedores" em relação aos mais pobres e mais ignorantes, paternalismo da Organização das Nações Unidas em relação aos Estados membros, paternalismo de gerações já marca das por fracassos e acomodações em relação à juventude.

Talvez a dificuldade maior da Estratégia seja o seu carácter de mera resolução da Assembleia Geral da O.N.U.

Estarão os países membros em condições de respeitar tal resolução? Poderão abstrair neste caso do carácter caótico de que se reveste a elaboração e a votação de grande número de resoluções da O.N.U.? E, se desejosos de cumprirem a resolução, conseguirão mobilizar a opinião pública para que a Estratégia se torne particularizada, viva e significativa em cada sociedade?

Vale a pena referir que a Estratégia desencadeou uma série de acções e mecanismos que lhe poderão conferir dinamismo e impacto.

Assim, desde que foi votada e para garantir a sua avaliação, tem-se intensificado o estudo da relação entre os factores económico e social do desenvolvimento bem como uma visão sócio-económica unificada do planeamento. Entretanto estão a ser criados centros regionais para treino em planeamento social nas Filipinas para a Ásia, no Líbano para o Médio Oriente, prevendo-se que uma resolução semelhante nasça da reunião dos Ministros Europeus da Segurança Social a realizar em Haia ainda este mês.

II - Análise dos termos a utilizar

1. Estratégia/Internacional

Estes os factos. Importa agora ver a coerência que existe entre os três termos estratégia/internacional/desenvolvimento.

Diremos desde já que neste momento da história os três termos são problemáticos.



A estratégia - palavra velha da logística militar - encontra-se hoje ligada a modelos próprios de análise e de acção.

O conceito de internacional vê-se em cada dia posto em questão pela situação permanente de guerra que não cessou ainda desde 1939.

E o conceito de desenvolvimento, esse, - conforme dizia o Director da Divisão do Desenvolvimento Social na O.N.U., em resposta à crítica que fiz ao conceito "oficial" da Organização - é "uma questão sobre a qual existem quase tantas opiniões como o número de teóricos e peritos que tratam das questões de desenvolvimento"!!

Mas porque se trata de conceitos de conteúdo problemático, vale a pena levantar algumas interrogações.

Assim, que queremos dizer com a palavra "estratégia"? Estaremos a definir de forma clara e precisa meios e etapas para alcançar objectivos pré-determinados? E, se assim é, não é o desenvolvimento um processo "fechado", conhecido de antemão e previsível? Não estaremos então já vinculados a um certo tipo de desenvolvimento?

Quando estivermos a esboçar uma estratégia de aproximações sucessivas que nos vá levando a uma hipotética fase "final"? E, se assim é, não estaremos vinculados a outra ideia do desenvolvimento - aquela que transporia para a organização da sociedade as mesmas leis que regem a organização dos átomos, quer dizer uma organização - desorganizada em que os movimentos das partículas que os constituem, se são libertadores de energia, são sempre conducentes a novo estágio de organização?

Interrogações de outro tipo nascem do termo "internacional".

Se com ele queremos dizer "entre-nações", situamo-nos necessariamente ao nível institucional dos acordos entre os representantes das nações e seus Governos. Limitamo-nos então ao forum inter-nacional das Nações Unidas e assumimos o laborioso conceito de desenvolvimento que resulta dos compromissos políticos e do jogo dos interesses económicos.

Mas podemos querer dizer também as acções com significado mundial, com repercussões actuais ou virtuais em todo o mundo. E aí teremos de fazer face, por um lado, à prática de desenvolvimento em sentido único, servido por estratégias deliberadas para além dos acordos e dos tratados.-

- as estratégias que constituem as mafias económicas ou as alianças políticas ao serviço de minorias privilegiadas para a exploração e a opressão das grandes massas.

Por outro lado, teremos de reconhecer a estratégia, quase só identificada a posteriori, que nasce da tomada de consciência simultânea, em vários pontos do globo, por pessoas ou grupos de mais diversa índole ou origem, de problemas semelhantes e da intenção de os resolver por uma via que seja, no seu termo e nos meios que emprega, um "ser mais" para os homens concretos que nela se empenham.

Entre estas três formas de estratégia internacional e de correspondente conceito de desenvolvimento há, por vezes, uma convergência pontual. Um investimento dado pode ser desejado como indispensável por aqueles que procuram o caminho do "ser mais" para os homens, como rentável pelos accionistas dos bancos suíços e, ao mesmo tempo, como uma medida concreta de execução da estratégia. - Mas que essa convergência accidental nos não iluda! Existe entre os três caminhos uma divergência fundamental a longo prazo. Essa divergência poderá não ser impeditiva de uma acção conjugada mas importa que, em cada momento, se esteja bem claro sobre as motivações em presença.

É evidente que os três elementos que descrevi ao plano internacional têm o seu paralelo ao plano nacional ou local. Entre as medidas de execução da estratégia nacional de desenvolvimento e os grupos experimentais e antecipadores de uma sociedade nova há muitas vezes coincidência de objectivos e metas. Raramente essa convergência existirá com o poder económico mascarado que manipula as vontades e as decisões de forma totalmente discricionária para satisfação dos interesses de um único grupo social. (Para uma saudável circulação de ideias e acções importa que as três formas se mantenham claramente distintas).

2. Conceitos de desenvolvimento e estratégias correlativas

A divergência que notámos leva a pôr em causa o próprio conceito de desenvolvimento.

Que contém a palavra "desenvolvimento"? Seguramente uma expectativa de crescimento, de alcance de uma maioridade, de progresso contínuo.



A década de 1960 viu desmoronar-se essa expectativa. Enxertada numa humanidade dividida entre pobres e ricos, entre detentores do saber tecnológico e escravos - aprendizes dessa tecnologia, a expectativa vinha carregada de aspirações quotidianas, vitais e concretas.

Os pobres ignorantes trabalhariam, organizar-se-iam, seriam incorruptíveis senão ascetas para atingirem os índices de crescimento económico que os teóricos do planeamento julgavam sãbiamente como os mínimos indispensáveis. Os ricos e espertos dariam de mesa do seu banquete gastronómico e tecnológico e continuariam a sua vida de mais conquista e mais saber.

Daí nasciam não só os valores do PNB que era necessário atingir mas também as taxas de natalidade que importaria salvaguardar, a escolaridade prolongada e gratuita, o equipamento sanitário, as infra-estruturas de comunicação, etc, etc.. Em breve se revelou o logro fundamental e inevitável do desenvolvimento puramente económico.

Reconheceu-se, sem dúvida, que certos patamares da vida humana são indispensáveis para uma verdadeira vida, mas descobriu-se que esses patamares permaneciam inacessíveis se não nasciam da fisionomia humana e do querer comum das populações. Foi assim que para uma estratégia eficaz do desenvolvimento se introduziu a "análise estrutural". O desenvolvimento situava-se no seio de uma comunidade dada, importava em atender as suas aspirações evidentes ou submersas na sptia de uma vida infra - humana... É certo que a tendência humanista que recomendava "entrar" no mundo próprio de cada sociedade, na sua história e na sua cultura, na sua tradição e nas suas tensões latentes, se viu diminuída e reduzida a um diagnóstico superficial de "needs" e "felt-needs".

Ao fim e ao cabo, nessa visão humanista enxertava-se à força a realidade económica que o esquema anterior idealizara. Mas enquanto o desenvolvimento sofria estas oscilações em determinadas zonas do mundo, uma outra escola tomava corpo: a escola de Lebret, Cosmao e outros que tornava o desenvolvimento um processo global de toda uma sociedade tomando nas mãos o seu destino com os materiais da sua própria cultura para fazer face à sua evolução histórica.



Este conceito, porque rico de experiência vivida, sobretudo na África francófona e na América Latina, é rico de cuidada elaboração intelectual dava o primeiro lugar à originalidade de cada comunidade e aos povos o direito de definirem os objectivos do seu próprio desenvolvimento. Aparecia como desenvolvimento integral mas não integrara ainda a civilização técnica em que vivemos; desenvolvia uma linha humanista para lateralmente a uma linha económica. O seu conteúdo, prenhe de realizações possíveis, perdeu assim o impacto nas civilizações vincadamente técnicas em que o conhecimento da realidade é apreendido e veiculado por meios técnicos. Não é de estranhar que o pragmatismo da cultura anglo - saxónica levasse a rejeitar tal conceito que, de tão global e integral que era, aparecia vago e difuso a povos habituados a lidar com as coisas em termos do seu concreto contorno.

O desenvolvimento sofreu, enquanto palavra, o seu último abalo, no termo da década de 60 quando caiu pela base o mito do desenvolvimento ainda sub-jacente a todas as expressões que citei - reconheceu-se que os países em vias de desenvolvimento foram na realidade na década de 60 os países ricos e que os países pobres se tornavam cada vez mais aquilo que cabia na designação que providos de consciência tinham rejeitado, i. e., países sub-desenvolvidos com a queda do mito, deu-se a queda da própria expressão - daí que nos tenha vindo da América Latina o conceito de libertação a dar dinamismo novo ao processo de desenvolvimento.

Porque - não nos iludamos - de desenvolvimento se trata ainda.

A decantação dos conflitos internos das sociedades - independentemente dos regimes políticos que as estruturam - levou a pôr em questão uma noção harmoniosa, continuamente ascensional do desenvolvimento. Surgiu a interrogação do lugar do conflito intrínseco à história no próprio processo do desenvolvimento.

Esta longa caminhada pode levar a dizer que o desenvolvimento na sua realidade global é "um sistema de relações sócio-económicas, políticas e culturais, mudando constantemente ao longo do tempo".

Mais: os diferentes conceitos que se escalonaram no tempo estão presentes em qualquer situação de desenvolvimento. O que importa cla-

rificar é o conceito com que se está trabalhando para o tornar completamente operacional.

Assim, se nos situarmos no esquema económico, temos de sujeitarmo-nos a critérios de eficácia, aceitar na íntegra os modelos importados, tornar máxima a rentabilidade.

As acções são bem definidas quer na esfera social quer na esfera económica e têm de ser levadas ao seu termo.

Pode dizer-se que a criação das infra-estruturas sócio-económicas - de saúde, de escolaridade, de habitação, de comunicações, etc - devem ser tomadas por aquilo que são. Não há que afectá-las de coloridos mais ou menos dinâmicos e psico-sociológicos que apenas mascara as carências fundamentais e a incapacidade de sentirmos a urgência.

Parece-me ingénua - no sentido que esta palavra tem para Paulo Freire - a adaptação de técnicas de auscultação de aspirações e de dinamização de grupos à resolução dos problemas de base de uma sociedade. Quando os homens morrem sem médico, se alimentam do pouco que a terra lhes dá, são acções rápidas e eficazes - ainda que com aparência de totalitárias - que se impõem. Sabemos ao tomar tal caminho, que fica de pé a interrogação sobre o clima cultural em que o desenvolvimento se opera.

Se nos situamos no esquema "humanista" - quer o da análise estrutural quer o do desenvolvimento integral - então também aí nos guiam critérios bem definidos de totalidade da existência do homem ("todo o homem e todos os homens"), de solidariedade, de crescimento harmónico.

Então a estratégia exige a planificação global, a traduzir-se numa polivalência social e educativa, a concretizar-se na chamada acção cultural - essencialmente inter-disciplinar, dialogante, respeitando o homem como sujeito da sua história, crente na criatividade das populações.

Trata-se então de acções muito diversificadas, tendentes a procurar a matriz cultural de uma população e a dar-lhe forma estratégica e objectivada. Por exemplo: Uma nova estrutura da educação, ou uma tentativa de maior participação das mulheres na vida social inserir-se-ão neste conceito, irão às fontes onde um povo bebe a sua vivência cultural.



descobrirão os nós afectivos que estruturam uma sociedade. Estarão então em condições de encontrar soluções verdadeiramente originais na continuidade de valores intuídos senão assumidos, por uma população inteira.

Se equacionamos o desenvolvimento em termos de acção libertadora, não podemos deixar de utilizar os seus critérios: a crítica radical ao capitalismo liberal, o conceito de auto-educação em oposição à educação "domesticadora", o primado do político sobre o técnico ...

As acções a desencadear enquadram-se então no despertar de consciência crítica, no primado da praxis sobre as ideologias, na participação do povo com a supressão dos pseudo-elitismos.

O problema aqui é um problema tático - perante um determinado problema de desenvolvimento qual a estratégia a que podemos fazer apelo e que garanta a operacionalidade do processo?

A não ser que se opte por uma via ideológica totalitária, o pluralismo das estratégias é exigido pela sobreposição no mundo e em cada região do mundo de sociedades e economias dualistas.

III - Paradoxos - desafios - tarefas

Gostaria agora de "descodificar" a leitura que faço da estratégia internacional possível para o desenvolvimento em tarefas bem concretas. Essas tarefas são-me sugeridas por alguns paradoxos do desenvolvimento e pelos desafios que trazem consigo.

1. Enunciado do paradoxo e do desafio fundamentais

No exame crítico dos termos que acabo de fazer surge uma interrogação: estará na estratégia a resolução do problema? Ou não será que a estratégia - que supõe um planeamento - levanta o problema de saber onde se situa a criatividade individual, o impulso pessoal gerador de soluções novas, o dinamismo capaz de inventar e criar?



É esta interrogação que o escritor Alçada Baptista formula numa crónica do mês de Julho a que deu o título de: "O homem e a conquista da atrofia": -

A parábola que conta Alan Watts parece-me certa, pelo menos no que se refere ao nó do nosso labirinto que neste momento estamos a viver. É assim:

"Era uma vez um Rei Bom que tinha um reino muito pedregoso onde os súbditos magoavam os pés. Preocupado com a felicidade do reino pensou mandar fazer uma imensa pele para cobrir o reino todo. Assim decretou. Com isso se puseram de parte as dores individuais, que as ficaram gemendo sozinho os que delas sofriam, sem que isso tivesse qualquer eco ou significado, comparado com a grandeza da faina global de cobrir todo o reino. Foi quando o sábio disse ao Rei:

-Majestade! Onde arranjaremos pele, tempo e pessoas para tão imensa tarefa? Não será melhor cortar cada um bocadinhos de pele para pôr debaixo dos seus pés?

Assim fizeram e creio que foi dessa maneira que as sandálias se inventaram".

O certo é que isto anda prã-í cheio de Reis Bons, a tentarem resolver o empedrado geral do reino, a mandar arrancar, curtir, coser uma enorme pele para dar um pouco mais de macieza ao chão dos nossos inexistentes pés colectivos, só que isso se vai fazendo à custa dos nossos pés individuais e assim será até ao dia em que se descubra que os pés da Humanidade só existem nas nossas cabeças, levadas pelas cabeças bem intencionadas dos reis. Entretanto vão-nos tirando as nossas ovelhas e com elas a necessidade de puxarmos por nós próprios até inventarmos os nossos sapatos.

Um dia procurarei localizar com um pouco de minúcia as consequências que têm vindo por o processo humano desta mania dos Reis Bons, de quererem resolver a sorte definitiva e global das pedras dos reinos.



Hoje queria demorar-me um pouco sobre isto de nos habituarem de nos habituarem e pensar que a nossa felicidade e o nosso pisar macio dependem mais da ordem decretada dum rei do que da nossa própria capacidade de inventar, descobrir e fazer uma sandália. Este é, se bem me parece, a origem da mais completa e acabada demissão da nossa condição humana e da sua situação de decedência.

A sociedade moderna faz avançar este processo subtil de demissão das tarefas humanas pela convicção que simultâneamente foi criando de que há sempre outros que são "os competentes" para fazer um trabalho qualquer que se nos depara. Esta situação, sobre ser grave, parece-me insolúvel já que "as forças com vocação para o uso do poder" baseiam a sua propaganda e tomam como aferidor da sua bondade uma cada vez mais extensa lista de serviços a que nos pretendem poupar, paralela a cada vez maior redução da nossa capacidade de iniciativa, invenção e criação.

Fundação Cuidar o Futuro

//



Creio ter ficado bem claro o paradoxo estrutural de uma estratégia mundial para o desenvolvimento... Mas o paradoxo (expressão de um problema existente) traz consigo o desafio à resolução do problema. Desafio que eu formularia assim: como olhar a terra na sua globalidade unificada e em devir e situar aí a minha singularidade pessoal? Como aceitar um campo de forças orientador ao plano internacional e garantir a autenticidade e a originalidade do desenvolvimento nacional ou local? Como posso integrar-me no mundo e na minha aldeia?

Neste desafio se encontra implícita a aceitação da afirmação de que "pelo mesmo movimento a humanidade unifica-se e fragmenta-se". O movimento da humanidade que leva ao desenvolvimento não foge a essa tensão dialéctica.

Para ser caminho de unificação, a estratégia internacional parece ter de fazer a economia da diversidade.

Para fazer face à fragmentação que a espreita, tem de impor índices, metas, objectivos, metodologias.

Responder ao desafio para superar e resolver esta tensão permanente é uma tarifa prioritária na ordem lógica.

E se falarmos do desafio levantado pela estratégia internacional do desenvolvimento, falaríamos de igual modo da estratégia a plano regional, ou continental, nacional ou local. Julgo que o menosprezo por esta dificuldade lógica leva com frequência à hipertrofia de um dos dois elementos - ou a estratégia prima sobre tudo o mais e se condena a si própria pela não - participação, passividade e ausência de espírito criador das pessoas ou a estratégia se demite perante as visões grandiosas de um ou outro sonhador, fazendo tombar no caminho os esforços penosos mas sinceros de muitos.



2. Tecnologia moderna e sua integração

Parece e uma primeira observação que a industrialização é inerente à estratégia do desenvolvimento.

Ora aqui tocamos um dos problemas mais graves da situação de "impasse" em que se encontra a humanidade - o restrito conceito de industrialização que se introduz na estratégia.

Na verdade, a industrialização é primariamente um conjunto novo de relações que se estabelece nos circuitos de produção de bens ou de serviços para que uma determinada sociedade possa tirar partido das inovações - em máquinas, processos e serviços - nascidas da tecnologia moderna.

Ora o que acontece? Reduz-se a industrialização à implantação de indústrias e não se vê para além delas - que são sempre meio - o estilo novo de relações. Ainda quando se extrapola para além do domínio industrial e se tenta criar técnicas novas, cai-se facilmente nas chamadas "inovações regressivas". Falo das inovações que, no desejo de recuperar tempo perdido ou de corrigir o modelo que parece universal, introduzem aqui e ali, de forma meramente pontual, "tecnologia avançada". Por essa tecnologia se reforçam os defeitos do sistema e se mascaram mais do que se resolvem os verdadeiros problemas. (Estou a pensar no pesadelo da estrutura burocrática que uma tecnologia avançada parecia poder lubrificar. E o que acontece? Porque existem máquinas de fotocopiar em quase todos os serviços, acumulam-se ainda mais os papéis e dilue-se cada vez mais a responsabilidade pessoal... Estou ainda a pensar em alguém, que treinado num país anglo-saxónico, de reconhecida reserva, vai para um país latino de não menos reconhecida extroversão aplicar à força as técnicas de comunicação não verbal... ou que utiliza os métodos de entrevista necessários para vencer os muros do isolamento da população urbana, na conversa imediata, franca e espontânea com a população de uma aldeia..)

A mentalidade dominante no mundo inteiro é a que leva a pensar que a tecnologia avançada consiste em possuir exactamente os mesmos institutos de investigação, os mesmos meios de produção existentes nas sociedades que criaram essa tecnologia.



Ora a verdadeira tecnologia está em não repetir modelos, está na capacidade, com instrumentos de uso universal, criar em cada sociedade modelos novos.

Quando sabemos que o potencial de investigação se encontra distribuído, abstraindo da União Soviética e da China, em cerca de 75% no E.U.A., 20% nos países industrializados da Europa e 2% no resto do mundo, não podemos deixar de concordar com a forma crua como o economista Stiglitz formulou o problema: "Small economies that imitate as can follow our methods of doing things this year, but not our methods of changing things next year; (therefore they will be very rigid)".

Os chamados "enclaves de modernismo" são a expressão do anti-desenvolvimento. Não são de modo algum a aplicação da tecnologia a situações novas. São, pelo contrário, a prova da incapacidade tecnológica, de um povo ou de seus dirigentes - são a aparência com que se mascara a ausência de esforço criador, que com os meios da tecnologia avançada, cria-se novos pontos de aplicação dos recursos, energias e interesses de uma sociedade.

Fundação Cuidar o Futuro

A tarefa que neste contexto se põe a uma estratégia internacional do desenvolvimento é o estímulo da investigação dos problemas próprios, específicos e únicos de cada sociedade.

Para que essa tarefa se possa realizar terão de ser resolvidos problemas metodológicos que permitam sair do esquema do modelo único do desenvolvimento, que decorre das sociedades altamente industrializadas e que tende a permear a estratégia internacional do desenvolvimento. Haverá que resolver sobretudo o problema do equacionamento sócio-económico unificado do desenvolvimento. - A crítica que fez a delegação portuguesa à Assembleia Geral da O.N.U. sobre a hiper - utilização de estatísticas, a metodologia sectorial, como expressões de um mundo uni-dimensional respondeu o Director da Divisão do Desenvolvimento Social:

"A questão mais importante é, a meu ver, saber como estabelecer ao nível do país, métodos de recolha de dados integrados, i.e., num sistema de recolha de informação que permita, para fins analíticos, a integração da informação de tipo económico, social, político e cultural



(...) Esta é uma das mais importantes tarefas com que está a braços a equipa de técnicos do planeamento que trabalham para descoberta de uma análise unificada".

(Importância das acções concretas)

3. Risco do novo

Creio que a acção inovadora sub-jacente ao processo de desenvolvimento não pode ladear os obstáculos que encontra. As resistências à inovação exprimem uma realidade social - não são apanágio de um grupo bem determinado de conservadores nessa sociedade mas fazem parte do mecanismo psico-sociológico de qualquer grupo. De cada vez que um grupo experimenta um patamar de estabilidade, cresce a sua resistência à inovação. Mas a inovação não "descola", se não houver esse patamar... Quanto maior for a velocidade que se pretende atribuir ao processo de inovação tanto mais longa tem de ser a pista de descolagem... Passar o tempo a denunciar as forças de resistência à inovação para as contornar ou destruir não parece fazer parte de uma tática coerente com uma estratégia de optimização dos resultados. Importa estudar e analisar essas forças para fazer delas o ponto de partida concreto de um esforço inovador colectivo. Em outros termos, trata-se de olhar a situação e deixar que nasça uma consciência crítica colectiva - se se trata de um conhecimento permeando as pessoas e os grupos, atingindo a sua consciência, o esforço inovador está pronto a desencadear-se. O acto de consciência crítica colectiva é portador de acção transformadora e só aí se completa como acto humano de conhecimento e reflexão. Por isso, na resistência à inovação, encontra qualquer tipo de desenvolvimento o seu próprio desafio.

Um aspecto específico da resistência à inovação vem da própria industrialização. É que a tecnologia uniformiza as sociedades ao nível da produção. (Se entre os E.U.A. e o Egipto há um abismo de diferença económica e de identidade cultural, não há diferença alguma entre o piloto da TWA e o piloto das linhas aéreas egípcias!) A tecnologia não tem



o papel inovador que a agressividade das chaminés de novas fábricas e o fragor das comportas das barragens parecem querer simbolizar! Pelo contrário, o seu papel é basicamente conformista. (Assim se explica, aliás, que seja relativamente fácil criar altos fornos e treinar operários especializados em qualquer parte do mundo, com idêntico grau de rendimento, mas que seja muito mais difícil constituir e formar quadros para promoverem o desenvolvimento rural ou estruturarem serviços novos, livres da ganga da corrupção e da inércia acumulada).

Essa estrutura conformista vai traduzir-se no plano pessoal num desesperado apego à segurança e à harmonia e no plano colectivo ao repetido apelo à "ordem" e à estabilidade.

Em oposição a esta tendência vem a mudança radical operada no mundo durante os últimos 20 anos - a descoberta convergente de todas as ciências sobre a estrutura conflitual da existência a todos os níveis.

O reconhecimento de tal estrutura conflitual não significa, de modo algum, que se entre constantemente em conflito! Significa, pelo contrário, que o conflito tem de ser um dado a priori da análise de qualquer situação.

É falo em análise porque ela permite vencer o conformismo. Refiro-me não à análise teórica, já aivada de uma ideologia mas ao termo técnico de "análise de sistemas", instrumento indispensável a qualquer planeamento. Em tal análise procura-se a "definição, da estrutura optimal em equilíbrio móvel, feito de reajustamentos sucessivos a partir do meio". Assim, o que caracteriza a análise de sistema é a integração dum princípio de incerteza na acção. É aceitar que a acção vai ser determinada pela reacção do meio que postula novos reajustamentos, definidores, por seu turno, de uma nova estrutura... É aceitar o imprevisível no perfeitamente calculado. É aceitar a mudança não apenas como objectivo mas como material e meio de transformação.

Neste contexto, o desenvolvimento não é a conversão de um sistema estável a outro sistema estável. O princípio de incerteza faz apelo ao sentido do risco, a capacidade de fazer erros e reconhecê-los, à abertura para novas tentativas.



Só esse sentido pode permitir compreender e viver a "verdade dos átomos": que a energia vem da instabilidade. O que está em causa no desenvolvimento é a possibilidade para os homens e grupos de libertarem energia criadora dando um salto para o que tènicamente se pode chamar a "instabilidade permanente". Em termos de estratégia, isto significa a passagem de sistemas autocráticos

fixos

fechados

pesados

a sistemas planificados

abertos

elásticos

auto-reguladores

susceptíveis de previsão e de integração

3. Para a criação de um "querer comum"

Fundação Cuidar o Futuro

A integração da tecnologia moderna no sentido que indiquei e o permanente desejo do risco, não podem existir sem a construção de um "querer comum".

É inegável que existe uma antinomia entre a transformação de uma sociedade, concebida por peritos, e a transformação a operar por um movimento vindo do povo. Paradoxo entre um método elitista e uma realidade de massas em movimento para uma plena participação.

Não poderão ser "planos" tèoricamente concebidos e formulados à base de estatísticas que poderão determinar um povo. É aí que se situa o entrosamento da capacidade técnica das elites responsáveis pelas decisões com a visão verdadeiramente humana que possam ter dos problemas em que estão empenhados. Só esta as torna aptas a compreenderem a influência das tradições culturais, a pôr em acção toda a sua capacidade inventiva para fazer aflorar ao nível do consciente de um povo essas tradições convertendo-as em acção participante.

A aplicação de uma tecnologia moderna, a introdução de uma verda



deira industrialização, modifica necessariamente a estrutura da organização de uma sociedade e o esquema de tomada de decisão.

A "coordenação" é palavra mágica em qualquer esquema de desenvolvimento e entende-se que assim seja, dado que planeamento supõe informação, inter-relação, fecundação mútua. Mas esquece-se que a tecnologia moderna se acomoda mal com a coordenação feita sobre um esquema de sociedade pré-industrial, uma sociedade em que o lugar decada um se encontra muito bem definido e de uma vez para sempre. A tecnologia moderna exige o trabalho inter-disciplinar e este, por seu turno, obriga a ultrapassar os compartimentos estanques, reduzindo-os ou fazendo-os desaparecer. Porque se ultrapassasse a compartimentação (a autonomia arcaica de zonas de vida e de decisão que são por natureza inter-sectoriais) é possível traduzir as conclusões do trabalho feito não em "relatórios" que vão subindo de mão em mão até se perderem na gaveta de quem eventualmente tudo parece depender mas sim em produtos, imediatamente portadores de acção e de transformação.

Tal resultado só se consegue tratando sempre em conjunto os problemas tradicionalmente isolados ou artificialmente separados, vencendo barreiras e instituições obsoletas. É a partir daí que se podem construir verdadeiros centros de decisão. Descompartimentar para coordenar é uma das primeiras etapas do desenvolvimento integrador da tecnologia nova.

A coordenação assim realizada permitirá a gradual formação de uma vontade comum, única capaz de estabelecer a solidariedade que torna uma sociedade viva e de fazer as arrancadas que o bem dos homens exige.

Só na medida em que se alicerça a vontade comum, é que se ultrapassa a tensão entre a criatividade pessoal e a estratégia, entre o esforço colectivo nascido da convicção de cada um e o planeamento, entre as acções e experiências de desenvolvimento bem localizadas e definidas e uma estratégia mundial para o desenvolvimento.

Na linguagem dos poetas, interpenetram-se o grande mundo e a minha aldeia. E então poderemos criar a "vida futura".

...../.....

